

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Alice Leite Danelon

**LUX DRACUL: A LUZ DA MODERNIDADE À SOMBRA DA TRADIÇÃO EM DRÁCULA DE BRAM
STOKER**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

Juiz de Fora
2026

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ALICE LEITE DANELON**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202373004A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LUX DRACUL: A LUZ DA MODERNIDADE À SOMBRA DA TRADIÇÃO EM DRÁCULA DE BRAM STOKER**, desenvolvido durante o período de 11/11/2025 a 13/07/26 sob a orientação de MARIA CECÍLIA DOS SANTOS RIBEIRO SIMÕES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 13 de Julho de 2026.

ALICE LEITE DANELON

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

LUX DRACUL: A LUZ DA MODERNIDADE À SOMBRA DA TRADIÇÃO EM DRÁCULA DE BRAM STOKER

Alice Leite Danelon¹

RESUMO

A presente pesquisa pretende explicitar as relações entre o romance gótico de Bram Stoker, *Drácula*, com os avanços modernos sofridos na Inglaterra do século XIX, trazendo elementos que contrastam a literatura com o decorrer histórico. O trabalho apresenta, através de associações com os conceitos de natureza e cultura, de Tim Ingold, evidências a respeito da construção do vampiro Conde Drácula em contraste com os ingleses que representam o antagonismo cultural e racional do personagem. Descrevendo também o contexto histórico do oeste europeu no século XIX, pontua-se como os avanços científicos se fizeram presentes na sociedade e, de maneira específica, como a relação com a religião transformou, a partir da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, de Max Weber, as relações de trabalho em um período que o capitalismo se firmava como principal sistema econômico no mundo. Enfim, na última parte faz-se a ligação entre as relações de Ingold ao vampiro e, apresenta-se como a realidade histórica e social se infiltra na literatura, comparando os modos de vida que Weber descreve no contexto europeu com a realidade camponesa da Transilvânia de Conde Drácula.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Europa; idade média; modernidade; racionalismo.

INTRODUÇÃO

Na Inglaterra iluminista do século XIX, o vampiro de Bram Stoker desembarca no porto de Londres a fim de transformar o Ocidente em sua colônia e aterrorizar a vida de jovens inseridos no contexto de crescente racionalidade. Em viagem de negócios, Jonathan Harker é recebido por Conde Drácula em seu castelo na Transilvânia, onde se hospeda; o vampiro, ligado aos costumes medievais considerados ultrapassados, acolhe o inglês com certa afetividade e, por outro lado, Jonathan já se encontra cheio de curiosidade e estranheza pela dimensão misteriosa do castelo e da própria figura vampiresca. Acerca dos acontecimentos passados pelo jovem hóspede nas salas, porões e escadarias do castelo, sua mente e emoções se veem como ameaçadas por algo desconhecido e diabólico que não é capaz de compreender. Entretanto, Drácula, se portando como um bom anfitrião se preocupa com os detalhes minuciosos, despertando a curiosidade de Jonathan que, mais tarde, viria a desenvolver grande perturbação e medo.

Publicado em 1897, o romance gótico² do irlandês Bram Stoker perpassa pelas dificuldades de um grupo de amigos em eliminar o mal que lhes assombra em uma Londres mil oitocentista, onde a figura estrangeira de um Conde vampiro é responsável por aterrorizar de diversas maneiras os bons costumes e a sanidade de Jonathan Harker e seus amigos. Drácula é inserido no cotidiano inglês como a personificação da tradição medieval e da negação à racionalidade em combater os males que assombram a sociedade moderna inglesa. Por outro lado, seu contraste histórico, Jonathan, é a figura marcada pelo ideal inglês moderno que se insere no cotidiano do vampiro e se aterroriza com os mistérios e a monstruosidade desconhecida que caminha da Transilvânia para a Inglaterra.

Permeada pelas crescentes inovações do século XIX, a Inglaterra passava por mudanças no âmbito social, religioso e econômico, em que, distanciada dos ideais da Idade Média e inserida na Idade Moderna, a sociedade começava a produzir uma filosofia voltada ao pensamento do homem, ao distanciamento dos dogmas do Cristianismo e a modernizar seu cotidiano através do pensamento iluminista e da crescente vida urbana burguesa. Nesse sentido, o desenvolver do romance de Stoker se volta a um embate entre os princípios morais influentes da época e a visão de uma figura estrangeira dotada de características

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Maria Cecília dos Santos Ribeiro Simões.

² O estilo gótico é construído através de uma soma de transformações no movimento literário, predominantemente europeu, que resultou em um gênero voltado ao terror psicológico, à fantasia e ao lado sombrio da escrita. A pretensão dessa nova literatura era de exprimir o sentimentalismo exagerado e obscuro da sociedade da época, contando com elementos sobrenaturais e considerados tabus ao século XIX. (COSTA, 2019, p. 30-34).

renegadas e folclóricas, que invadem as ruas de Londres e trazem de volta a necessidade de combater o mal com os elementos de sua época. Drácula (1897) é o retrato de uma época ultrapassada que tenta se adequar ao modo de vida inglês e que é combatido pela modernidade e o preconceito pelo estrangeiro que surge para desestabilizar os bons costumes crescentes naquela sociedade.

A partir de um entrelaçamento entre a literatura gótica de Stoker e as mudanças históricas do século XIX, o objetivo central desta pesquisa é analisar como a construção do vampiro visto pelo Ocidente se diferencia e ameaça a ideia de evolução moderna da humanidade. O que se apresenta é a personificação da Idade Média, dos resquícios do feudalismo e da expressão religiosa como afronta às inovações do século em crescente modernização.

Posto isso, o presente trabalho se apresenta da seguinte maneira: a primeira parte se refere à construção histórica do personagem vampiro, quem inspirou a criação do personagem literário e como sua construção auxiliou no que se conhece hoje como Conde Drácula. A partir de uma elaboração comparativa entre os personagens Jonathan Harker e Conde Drácula, apresenta-se similaridades e dicotomias presentes em ambos, partindo das discussões em torno de conceitos contrapostos como natureza e cultura e humanidade e animalidade em Tim Ingold (1995). Desta forma procura-se demonstrar a presença ou ausência de humanidade em Conde Drácula através de uma relação de sua construção literária com o campo religioso, em que ambos demarcam polos opostos e a religião é usada para enfraquecer o vampiro. A segunda parte do trabalho apresenta um panorama do século XIX, onde diversas transformações históricas levaram a humanidade à construção de uma modernidade que se fortalece no Ocidente e passa a contrastar com ideais medievais, místicos e onde a religião perde sua força política e moral por conta do crescente pensamento racional. Ainda na segunda parte, com base no que Max Weber explica em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2004) sobre o entrelaçamento da religião protestante com o desenvolvimento do sistema capitalista, há de se perceber como o “espírito” do capitalismo moldou o sistema econômico mundial junto do encontro com a religião protestante no mundo do trabalho através de uma conduta de vida moldada pelo ascetismo.

Por fim, a terceira parte une o campo literário à história, trazendo elementos que demonstram como as transformações sociais e morais influenciaram a literatura de Bram Stoker. Assim como explica-se as relações ingoldianas entre Jonathan e Drácula, também relaciona-se o desenvolvimento da racionalidade frente ao processo de secularização ocidental em contraste com o misticismo contemplativo do Oeste Europeu, explanando como as dicotomias racionais e sociais se apresentam em uma Inglaterra racional e uma Transilvânia folclórica.

1. A CRIAÇÃO DO VAMPIRO

Dracula – ou filho do dragão – é como se conhece a figura que inspira o famoso Conde Drácula da literatura de Bram Stoker. Vlad Tepes (1431–1476), ou Vlad “O Empalador”, ou ainda, Vlad III foi um príncipe da Valáquia que fazia parte da “dinastia Basarab do ramo Draculești” (COELHO, 2025, p. 128). Seu pai, Vlad II ou Dracul – dragão em romeno – foi, antes de seu filho, também príncipe da Valáquia que, após ser destronado e executado junto de seu filho mais velho, Mircea II, levou seu território a uma série de acontecimentos instáveis e sangrentos entre os valáquios, os húngaros e os otomanos. Vlad III ficou conhecido por seus métodos cruéis de punição, como atravessar com estacas os inimigos e os deixarem assim até a morte; por conta do uso extremo da violência e certo sadismo em fazê-la, Vlad III passou a ser visto como uma figura demonizada, sendo então, comparado a algum tipo satânico. Em um ato de vingar o pai e o irmão executados, Vlad III organizou um jantar aos boiardos que, após a morte do príncipe Vlad II e seu filho Mircea II, se aliaram aos turcos contra Murad II – sultão otomano que patrocinou a ascensão ao trono de Vlad III. Após os vassalos do falecido Vlad II se aliarem a Vladislav II e János Hunyadi, do império húngaro, Vlad III os reuniu e “ordenou aos soldados que cercassem e detivessem os convidados ao fim do banquete. Os mais velhos foram empalados e os demais forçados a ir para Poenari, onde se viram obrigados a construir uma fortaleza colossal, tida durante certo tempo como o “verdadeiro” castelo de Drácula”. (GONÇALVES, 2018, p. 34). Embora o nome Drácula tenha assumido caráter demoníaco por conta da referência ao vampiro de Stoker, é importante ressaltar que tal conotação pouco se relaciona com a nomeação da figura histórica. O nome Dracula – com sufixo “a” referente a “filho de”, nesse caso, de Dracul – se relaciona com o de seu pai que, enquanto príncipe da Valáquia, era também membro da Ordem no Dragão, associação de cavaleiros fundada, que “defendia o cristianismo e lutava contra seus inimigos,

sobretudo os turcos otomanos” (GONÇALVES, 2018, p. 34), por isso, enquanto Vlad II era conhecido como Dracul – dragão –, Vlad III era Dracula, filho do dragão, sem nenhuma conotação satânica.

Conde Drácula, por sua vez, se descreve como um nobre medieval, descendente de Átila, o Huno, de uma linhagem nobre de guerreiros e que vive isolado em seu castelo ao norte da Transilvânia. Em uma das passagens na qual o Conde conta a Jonathan sobre sua história, o vampiro se glorifica pelo sangue que ascende o seu e diz: “É de se admirar que sejamos uma raça conquistadora? Que sintamos orgulho? Que tenhamos expulsado os milhares de magiares, lombardos, ávaros, búlgaros e turcos que invadiram nossas fronteiras?” (STOKER, 2018, p. 74). Dentre algumas descrições que Stoker faz do vampiro, é possível perceber certa aproximação com Vlad Tepes, como quando, ao narrar algumas das batalhas que travou contra os turcos, Drácula conta:

E na ocasião da grande vergonha da minha nação, a derrota na batalha de Kosovo, quando os pendões dos valáquios e dos magiares tombaram sob a bandeira do império otomano, quem, se não um herói da minha raça, que como *voivode* atravessou o Danúbio e derrotou os turcos em seu próprio solo? Um Drácula, sem dúvida! (STOKER, 2018, p. 74, 75).

As passagens que Drácula conta sobre seus antepassados e as batalhas que seu povo travou se assemelham fortemente com as de Vlad Tepes contra os turcos – que na literatura também são o povo inimigo que Drácula derrota. Em paralelo à história que o vampiro conta a Jonathan, Cazacu (2017) escreve sobre Vlad Tepes:

Em 17, 18 e 19 de outubro, János Hunyadi encontrou o exército de Murad II em Kosovo Polje, e a vitória mais uma vez foi para os turcos. Após esta feroz batalha, o sultão reuniu as cabeças dos vencidos e fez uma grande pirâmide, um antigo costume asiático que sobreviveu até o século XIX. (CAZACU, 2017, p. 53, tradução própria)³.

A batalha de Kosovo ocorreu em consequência ao assassinato de Vlad II e Mircea II em que, se voltando contra os turcos de maneira traiçoeira, János Hunyadi – quem destronou e executou Vlad II e Mircea II e designou um novo *voivoda* à Valáquia – acabou organizando um movimento cruzadista contra os turcos, que haviam jurado paz entre os valáquios e os húngaros. A batalha foi vencida pelos turcos e, enquanto Vladislav II – quem assumira o principado da Valáquia após a morte de Vlad Dracul – estava em batalha, o trono foi recuperado por Vlad Tepes. Passados alguns conflitos no poder instável de Vlad Tepes, este e o império húngaro firmam um acordo de paz, que desestabiliza o sultão otomano Mehmed II e, em resposta às cobranças que Mehmed II faz à Valáquia dos impostos que não haviam sido pagos desde 1458 à 1462, Vlad Tepes age rapidamente

Atravessando o Danúbio congelado no ápice do inverno, o *voivoda* dividiu seu exército em vários esquadrões e lançou um ataque devastador, cobrindo cerca de 800 quilômetros, de Kilia até Rahova, perto da foz do rio Jiu. Nem uma única cidade ou vila foi poupada, independentemente de serem turcos ou búlgaros. (CAZACU, 2017, p.141, tradução própria)⁴.

A passagem acima, vivida por Vlad Tepes, também é descrita por Conde Drácula e, assim como Vlad Tepes utilizava de extrema violência para torturar e matar seus inimigos, Drácula age da mesma forma, porém, em outro contexto e com motivações diferentes.

³ On October 17, 18, and 19, János Hunyadi encountered the army of Murad II at Kosovo Polje, and victory once again went to the Turks. After this fierce battle, the sultan collected the heads of the vanquished and made a great pyramid, an ancient Asiatic custom which survived to the nineteenth century. (CAZACU, 2017, p. 53)

⁴ Crossing the frozen Danube in the depths of winter, the voievod divided his army into several squads and launched a devastating raid, covering some 800 kilometers, from Kilia up to Rahova, near the mouth of the Jiu River. Not a single city or village was spared, regardless of whether they were Turkish or Bulgarian. (CAZACU, 2017, p. 141).

Entretanto, apesar das referências de Vlad Tepes à Conde Drácula, sua construção literária não teve como finalidade uma releitura da figura histórica – como é a criação do vampiro Nosferatu (1922) perante Drácula, por exemplo. O que se conhece do personagem de Bram Stoker e a descrição de seu território é uma composição formada através de um palco criado no imaginário e com relatos organizados por Stoker; a Transilvânia que se conhece no romance gótico não é de fato o que a História conta e, embora a construção de Conde Drácula tenha suas referências ao príncipe da Valáquia, Vlad, além de não ser mencionado pelo autor ao longo da ficção, também não compartilha do mesmo título de nobreza que Conde Drácula, título este que sequer existia na Romênia nos tempos em que Vlad Tepes viveu (GONÇALVES, 2018, p. 32). Ainda sobre o paralelo entre ambas as figuras, o que nota-se de diferente entre Drácula e Dracula é que embora os dois descendam de uma mesma região, suas realidades não se assemelham em tudo: por um lado, Drácula representa o antagonismo da religião cristã, este repele seus elementos sagrados e o nome de Deus, por outro, o pai de Dracula – Vlad Dracul –, não lutava contra o cristianismo, mas sim contra a expansão do Islã na Europa (COELHO, 2025; GONÇALVES, 2018).

De maneira geral, a união de ambas as figuras – ainda que com suas contradições – foi o que cristalizou o imaginário do famoso vampiro da literatura gótica. Entretanto, obras como *Carmilla* (1872), de Le Fanu (1814-1873) e *O Conto do Vampiro* (1819), de John Polidori (1795-1821) também construíram a imagem do vampiro visto pelo Ocidente. Assim como a visão da Transilvânia também foi iniciada por autores como Shakespeare e Alexandre Dumas, foi Stoker quem “construiu uma Transilvânia imaginária repleta de estereótipos que serviram para legitimar o conde Drácula como uma figura primitiva, impermeável ao verniz da civilização” (GONÇALVES, 2018, p. 33). A criação gótica de Bram Stoker faz uma fusão entre a literatura e a História, tornando as lendas que circundam ambos os Dráculas mais reais e assustadoras e, por mais que o folclore em torno do vampiro esteja mais ligado ao Ocidente, tanto os questionamentos da existência de vampiros na Transilvânia real, quanto o poder da imaginação de uma criatura mística e sanguinária são reconhecidos mundialmente graças ao horror gótico de Bram Stoker.

1.1 A FIGURA DO VAMPIRO E A PERSONIFICAÇÃO DA RELIGIÃO

Em seu primeiro encontro com Drácula, Jonathan começa a perceber a estranheza perante o vampiro e, certo de que algo ruim lhe aconteceria, já percebe pelos arredores e em sua intuição a presença de algo aterrorizante e sem explicações lógicas. Desde o primeiro contato com povos locais que, ao ouvirem o nome do Conde e saberem o destino do jovem inglês, repugnavam seu nome e faziam sinal da cruz, além de alertarem o viajante sobre desistir de sua missão e de colocarem um crucifixo em seu pescoço. Jonathan, no entanto, convicto em seu objetivo e sem saber o porquê do pavor existente nas faces camponesas segue para o castelo ao encontro de sua maior perturbação.

Passada a viagem até o castelo do Conde, na qual Jonathan se dá cada vez mais por convencido de que não deveria estar ali, seu anfitrião logo o recebe e Jonathan pondera sobre as feições de seu novo companheiro:

Seu rosto era muito muitíssimo aquilino, com um nariz estreito de ponte alta e narinas peculiarmente arqueadas; uma imponente testa abaulada e cabelos que cresciam com parcimônia ao redor das têmporas, mas com profusão em todas as outras partes. [...] A boca, até onde pude ver por baixo do farto bigode, era rígida e de aparência bastante cruel, com dentes brancos peculiarmente afiados; projetavam-se por cima dos lábios, cujo notável rubor apresentava uma vitalidade espantosa em um homem de sua idade. No mais, suas orelhas eram pálidas e, nas extremidades, demasiado pontudas; [...] O efeito geral era o de uma palidez extraordinária. Até então eu já havia reparado no dorso de suas mãos, que descansavam nos joelhos à luz da lareira, e elas pareceram demasiado brancas e esguias; mas vendo-as agora próximas a mim, não pude deixar de reparar que eram bastante grosseiras - largas, com dedos atarracados. Por estranho que pareça, havia pelos no centro das palmas. As unhas eram compridas, delgadas e pontiagudas. Quando o conde se inclinou sobre mim e suas mãos me tocaram, não pude reprimir um

calafrio. Pode ter sido por causa de seu hálito rançoso, mas uma sensação horrível de náusea me invadiu, a qual, não importava o que eu fizesse, não consegui esconder. O conde, evidentemente percebendo, recuou; e com uma espécie de sorriso sombrio, que exibiu os seus dentes protuberantes mais do que fizera até então, sentou-se de novo em seu canto junto à lareira. (STOKER, 2018, p. 37-38)

Este, portado visualmente como um aristocrata de época medieval, entretanto, em seu interior permeado de horror e uma fome insaciável de sangue – motivo este um dos que levava Drácula ao Oeste Europeu – se dá como a figura do estrangeirismo que invade a Inglaterra e como o lado oculto e rejeitado pela sociedade por conta das transformações sociais, políticas e morais da época. O vampiro de Bram Stoker representa no romance gótico o lado ultrapassado dos ideais iluministas, motivado a perturbar os bons costumes e a moral da burguesia inglesa. A figura presente que agora passa a assombrar e hipnotizar a mente de Jonathan Harker é apresentada como uma monstruosidade dotada de ambição e consciência e, embora capaz de se transformar em animais – estes usados como truques pelo vampiro para dispersar as atenções a respeito de sua presença em Londres –, carrega consigo uma razão, não uma razão ocidental, mas uma que motiva seus próprios objetivos de dominação. A respeito de seu lado animal, seus modos e feições deliberam Jonathan ao pensamento sobre a humanidade do vampiro, pois, mesmo possuindo a forma física de um homem, seu comportamento ora cortês, ora sombrio, despertava no hóspede a curiosidade sobre o que de fato Drácula era. Distante do que o Ocidente considerava humano à época, Drácula desempenha o papel da antítese moral e religiosa diante das evoluções históricas que deixaram a Idade das Trevas e alcançaram o Iluminismo. Logo, apesar da semelhança humana – ainda que confusa aos olhos de Jonathan sobre Drácula – em ambos os personagens, analisar-se-á as dicotomias presente entre a natureza e cultura (INGOLD, 1995) a fim de determinar a presente – ou ausente – humanidade na figura do vampiro.

Em *Humanidade e Animalidade* (INGOLD, 1995) Tim Ingold discorre sobre as diferenciações das espécies, pontuando o que aproxima e distancia a espécie *Homo Sapiens* de outras parecidas, mas que, sem determinadas particularidades como o desenvolvimento da linguagem, da razão, do intelecto e da consciência moral, estas demais espécies, consideradas animais, jamais seriam tão humanas quanto o ser humano. O autor escreve em linhas gerais que

não há apenas uma maneira humana de ser. A "aptidão para a cultura", sejam quais forem os demais sentidos da expressão, é uma capacidade de gerar diferença. Nesse processo criativo, que se realiza no curso ordinário da vida social, e através dele, é que a essência da condição de humanidade se revela como diversidade cultural. Para qualquer indivíduo apanhado no curso desse processo, "tornar-se humano" significa tornar-se diferente dos demais seres humanos que falam idiomas ou dialetos diferentes, praticam ofícios diferentes, têm crenças diferentes, e assim por diante. (INGOLD, 1995, p. 8)

Tim Ingold traduz a condição de humanidade e animalidade, sendo, portanto, não uma separação entre natureza e cultura, que demarcam lados opostos entre "corpo e espírito, emoção e razão, instinto e arte, e assim por diante" (INGOLD, 1995, p. 7), mas uma pluralidade de ser, que condicionam a espécie humana a desempenhar diferentes características sem perder a sua principal, de *Homo Sapiens*. Em resumo, para o autor,

a natureza de uma coisa pode ser uma qualidade essencial que todas as coisas dessa espécie, e apenas essas coisas, devem possuir. Sendo assim, trata-se de "um mínimo denominador comum" da espécie, que é universal e não particular para cada um de seus indivíduos. Segundo, natureza indica o mundo material, o macrocosmo das entidades físicas, na medida em que se distinguem de sua representação microcósmica no plano das

idéias. Neste último sentido, o conceito de natureza classicamente se opõe ao de cultura, sendo o primeiro uma realidade externa e o segundo uma realidade que só existe "na cabeça das pessoas". (INGOLD, 1995, p. 7)

Voltando ao gótico de Bram Stoker, o que aproxima as explicações de Tim Ingold ao jovem Harker e ao vampiro centenário é, em suma, a separação entre natureza e cultura, em que cada um dos personagens representa um modo diferente entre os pontos. Em relação à natureza, determina-se que ambos se equivalem como pertencentes à espécie humana, a condição vampíresca de Drácula está atrelada a uma condição de exclusividade, mas, sem necessariamente extingui-lo da espécie *Homo Sapiens*. Entretanto, no sentido de cultura, a realidade de Jonathan e Drácula se difere em contexto histórico, social, religioso e geográfico; enquanto um vive no século das Revoluções Industriais, da ascensão do racionalismo, da fuga de centralização religiosa como meio de poder político e da modernização dos centros urbanos, da economia e da globalização, o outro, resguardado à mentalidade tradicional de crenças religiosas, isolado nos Cárpatos e preso a um contexto medieval com uma população rural, demarca algumas das diferenciações culturais presentes entre um londrino urbano e um nobre tradicional. Dessa forma, o "tornar-se humano" de Ingold se aplica às diferenças culturais existentes e preserva a qualidade de humanidade em ambos os personagens citados. Porém, se ambos demonstram sua natureza humana sob a perspectiva de natureza e cultura, o que tornara Drácula uma figura tão apavorante aos olhos ingleses que fugiam à humanidade de Tim Ingold?

Em um dos exemplos para explicar uma das vertentes classificatórias de humanidade e animalidade, Ingold escreve:

Retomemos a opinião de Buffon, um bom representante de sua época, para quem os seres humanos se diferenciam dos macacos pela posse de faculdades do espírito, e não pelo aspecto exterior do corpo. O aspecto essencial dos seres humanos, portanto, é sua humanidade - aquele componente que, de acordo com a ortodoxia do dogma cristão, se deve a uma doação preferencial do espírito divino, concedida por Deus. Por outro lado, os seres humanos também participam do mundo material - ou da natureza na segunda acepção - na composição dos órgãos de seu corpo, e que o criador incluiu, ao lado dos corpos das demais espécies animais, "em um mesmo plano geral", como disse Buffon. (INGOLD, 1995, p. 7)

A partir da explicação de Buffon quanto à condição de humanidade através da concessão divina, observa-se que o fator que separa Jonathan e Drácula da condição humana é que o vampiro representa a negação de Deus, da religião cristã e dos elementos que a compõem. Desde o primeiro contato de Harker com o vampiro, até o momento de sua derrota, Drácula repele toda e qualquer menção à religião e a Deus; por outro lado, Jonathan, ensinado a considerar com demérito e como idolatria (STOKER, 2018, p. 52) o fanatismo religioso, se apega ao crucifixo dado de presente pelos camponeses e busca sempre o nome de Deus para se confortar com a realidade que lhe assombra. Embora Jonathan não seja cristão devoto e outros personagens como Van Helsing – doutor vindo de Amsterdam para verificar o caso de Lucy Westenra, que é mordida por Drácula – e Arthur Holmwood – noivo de Lucy – estejam mais próximos à ciência e ao ceticismo, respectivamente, estes e os demais personagens que diferem à animalidade de Drácula se enquadram à condição humana pelas “faculdades de espírito” (INGOLD, 1995, p. 7) pois se aproximam da elaboração social em torno da natureza, que é inerente e imutável. Portanto, ainda que Drácula se enquadre à condição de humano por sua forma física – neste caso o vampiro não possui sua natureza imutável por conta da capacidade de se transformar em animais –, a falta de Deus é o que afasta a humanidade e traz à tona a animalidade presente no personagem, que repudia a hóstia e o crucifixo.

Ao longo do romance, Drácula é fragilizado por elementos que o remetem à sua época e ao seu antagonismo religioso e racional. Inserido no século em que a o pensamento racional ascende e a superstição não mais é a fonte de conhecimento, ao descobrir que o Conde é um vampiro, Van Helsing passa a lidar com o mal utilizando elementos cristãos – como a cruz e a água benta – não com finalidade de cristianizar, mas de exorcizar o personagem. Embora o racionalismo tenha crescido fortemente no período vitoriano, o que Van Helsing faz é combater o inimigo na mesma linha histórica que este está inserido, preso

ao medievalismo, ao folclore religioso e ao modo de vida irracional perante os olhos modernos, o grupo de Jonathan retorna ao passado mesclando a modernidade da transfusão sanguínea à religião na era medieval.

2. O DESENVOLVIMENTO DO OCIDENTE À LUZ DA RAZÃO

Fora da ficção, a Europa Ocidental vivia no século XIX uma de suas maiores transformações ideológicas, políticas e culturais acerca do auge do imperialismo na África, América e Ásia. Além da expansão colonial europeia, o continente marcava o século XIX com a queda do absolutismo feudal, a ascensão e queda de Napoleão Bonaparte (1769-1821) e o desenvolvimento do capitalismo⁵ na Europa junto ao surgimento das ideias de Marx e Engels; especificamente na Inglaterra, além da forte imposição de seus costumes a povos distantes, o próprio país passava por uma transformação de costumes sociais e econômicos (MANFRED, 2016). Ao longo do século, após a Revolução das Máquinas, o surgimento da burguesia e do capitalismo, a Inglaterra passou por um importante período de modernização urbana e invenções tecnológicas tanto no ambiente de trabalho – como a transformação do maquinário dentro das fábricas – quando na vida prática, com a invenção de automóveis, do telefone, da fotografia e da lâmpada elétrica. Com a ascensão do capitalismo e o surgimento das principais classes que compõem esse sistema – a classe burguesa e o operariado –, naturalmente, a discrepância entre ambas foi também crescendo e permeando um dos principais motivos que levara Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) a escreverem o Manifesto Comunista (1848). Nos centros de Londres, o desenvolvimento da época marcava a modernização na arquitetura, nas vestimentas e nos costumes urbanos, Valter Henrique de Castro Fritsch e Sandra Sirangelo Maggio escrevem em “O período vitoriano: rastros históricos e literários” (FRITSCH; MAGGIO, 2023) que

na capital, a vida pulsava em muitas cores. A Londres vitoriana era então a metrópole que nunca adormecia, o grande centro cultural no qual havia festas, bares, teatros, clubes, casas de chá e entretenimento para todas as classes sociais – desde que se tivesse dinheiro, é claro. (FRITSCH; MAGGIO, 2023, p.10)

Enquanto Londres passava por uma transformação nos centros urbanos e nos costumes, o pensamento acerca dessa nova sociedade em formação também tivera de se adequar as inovações e, embora surgisse uma nova moral no Ocidente, o reinado da Rainha Vitória se dava de forma um tanto contraditória. Por um lado, a Inglaterra e parte da Europa modernizavam suas fábricas, suas ruas e sua moral; por outro, parte da população ainda vivia refém das mazelas da sociedade, sendo estes em grande parte os trabalhadores, que viviam em função da produção de capital (MANFRED, 2016; SAPIENTIA, 2023), não possuíam direitos e, em razão das reformas urbanas, “desde a construção das primeiras praças no século XVIII, os urbanistas não pararam mais de demolir habitações pobres e lojas humildes para erguer casas destinadas às classes mais favorecidas” (RODRIGUES, 2008, p. 37). Com isso, os moradores de classe inferior foram afastados para as periferias e se tornaram invisíveis aos membros da alta sociedade e das reformas políticas e sociais.

Ao passo que a modernização ascendia, a prostituição – mascarada da moral crescente – “proliferava junto ao luxo dos grandes salões aristocráticos ou entre o lodaçal de ruas esquecidas nos bairros afastados, talvez como consequência, ou válvula de escape, pelo fato de a moralidade e a religião nunca terem sido tão restritivas quanto então” (FRITSCH; MAGGIO, 2023, p.10). Na arte, “a literatura produzida na época gerou um riquíssimo bordado sociocultural no qual podemos perceber a efervescência social, filosófica e os conflitos morais sentidos no seio da sociedade britânica” (FRITSCH; MAGGIO, 2023, p. 11). Além disso, nomes como Oscar Wilde (1854-1900), Charles Dickens (1812-1870), Emily Brontë (1818-1848) e Bram Stoker (1847-1912), se tornaram grandes referências na intitulada literatura gótica, na qual

⁵ No presente trabalho se expõe o desenvolvimento do capitalismo sob os estudos de Max Weber, relacionando a ligação do protestantismo à secularização ocorrida no século XIX com a transição da religiosidade para o racionalismo como conduta primordial na vida prática e no trabalho. A preferência em relacionar a teoria weberiana ao clássico gótico é visada a partir das relações que a literatura tem com os acontecimentos da época, de modo que a personalidade dos personagens e o contexto em que se inserem têm influência do período histórico.

o ímpeto inicial para o gótico na arte e na literatura surgiu na ruptura com a sociedade medieval com o surgimento das relações capitalistas e da industrialização. O castelo gótico e as antigas estruturas permaneciam em ruínas, projetando tanto nostalgia quanto medo do passado – coisas que estavam perdidas, mas também estranhas e ameaçadoras para a vida moderna. (O'BRIEN, 2020)

No âmbito intelectual, voltando ao Século das Luzes, o iluminismo foi um grande precursor dos ideais que chegaram ao século XIX. Se distanciando dos dogmas da Igreja, o iluminismo – fomentado nos séculos XVII e XVIII – foi o movimento que levou não só a Inglaterra, mas diversos países do Ocidente, com vertentes que atendessem suas respectivas realidades, à transição do conhecimento religioso para o conhecimento científico racional, além disso, o movimento procurava não só a razão, mas o intelecto e a liberdade dos paradigmas que a Era Medieval – junto da religião – impunha. Enquanto a Igreja Católica mantinha controle dogmático, ético e político, o iluminismo surge com a tentativa de descentralizar o poder religioso, desenvolver o pensamento científico e buscar a razão humana. O surgimento do movimento teve influência no pensamento de nomes como Sócrates, na Grécia Antiga, e Galileu Galilei, com descobertas como o movimento terrestre; impactou o mundo de maneira cultural, econômica, moral e também em acontecimentos históricos como a Primeira Revolução Industrial, na Inglaterra, e a Revolução Francesa. Neste período nomes como John Locke (1632-1704), Rousseau (1712-1778) e Kant (1724-1804) foram essenciais no desenvolvimento do iluminismo, Locke – considerado o pai do liberalismo –, defendia “que o conhecimento humano era derivado de uma experiência sensorial” (VOLTAS, s.d.), defendia o direito à propriedade privada, criticava o absolutismo e defendia que uma sociedade deveria operar por um pacto entre os cidadãos e o Estado.

Com a transição do conhecimento místico, para o conhecimento religioso e, por fim, o início dos estudos científicos, o que ficou para trás ao longo dos séculos não só foi condenado, como também perseguido, de modo que os avanços intelectuais tinham por objetivo deixar para trás o que poderia ser um atraso à ascensão do racionalismo e da modernidade. No período em que a Igreja Católica – na Inglaterra, em específico, a igreja que comandava a religião e o Estado era a Igreja Anglicana⁶ – detinha o poder religioso e político, a moral que se seguia na sociedade era baseada nos dogmas que a própria Igreja instituiu e, qualquer surgimento de aversão ou tentativa de reformas religiosas que ameaçassem o poder da Igreja, era perseguido e destruído mantendo um monopólio moral e político em nome de Deus. A fim de compreender como a religião se mostrava tão presente em diversos campos da sociedade – aqui há de se relacionar como a religião adentrou o campo do trabalho –, a partir da obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (WEBER, 2004), de Max Weber, procura-se explicar como a reforma protestante contribuiu para que o “espírito” do capitalismo, “isto é, a cultura capitalista [...], o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo dia” (WEBER, 2004, p.7), se firmasse tão fortemente como principal sistema econômico mundial.

A transformação do misticismo para a religiosidade como força moral teve influência no que Max Weber intitula “desencantamento do mundo”, isto é, “a eliminação da magia como meio de salvação” (WEBER, 2004, p.106). A mudança do modo de vida místico contemplativo com fim na crença da salvação para o modo de vida religioso metódico e ativo no mundo foi culminado através de uma racionalização da religião, na qual a subtração das crenças místicas nas interpretações do mundo deu lugar a uma forma mais racional e material de operar tanto no campo religioso quanto no mundo econômico. Dessa forma, sob a perspectiva de Weber, o desencantamento do mundo foi a introdução da racionalidade como força ativa na forma de atuar no mundo e, especificamente, no campo do trabalho, desenvolvendo, portanto, uma relação conjunta ao capitalismo até que este tenha alcançado seu fim próprio.

O capitalismo que Max Weber descreve tem o início de sua influência no século XVI com a reforma protestante – é importante ressaltar que, independente do país em que as reformas religiosas ocorreram,

⁶ A Igreja Anglicana, originada da reforma protestante, foi fundada por Henrique VIII em 1534 e passou a ser a religião principal da Inglaterra quando o monarca rompeu com o catolicismo romano após a instituição não permitir que seu casamento com Catarina de Aragão fosse anulado para um novo matrimônio com Ana Bolena. Tendo suas raízes criadas pela Igreja Católica, uma das diferenças entre ambas é que o Anglicanismo não tem o Papa como autoridade máxima, mas sim o chefe de Estado da Inglaterra que, atualmente, é o Rei Charles III.

estas não possuíam como fim consequências econômicas, a ligação do protestantismo com o sistema capitalista passa a ser analisada como fenômeno social séculos depois com os estudos de Weber. Dois dos precursores da reforma, Martinho Lutero (1483-1546), na Alemanha, e João Calvino (1509-1564), na Suíça, foram essenciais para a construção das influências que a religião exerceu sobre o mundo do trabalho; enquanto a Igreja Luterana “atuou como formadora da base ideológica ou simbólica em seu *ethos*⁷ voltado para o trabalho” (PINTO; SILVA, 2021, p. 68), Calvino, por sua vez, acreditava que

as pessoas já nasceriam predestinadas ao paraíso ou ao inferno, embora não pudessem saber qual seria seu destino. E como eram altamente moralistas (puritanos) e rígidos, tentavam serem merecedores do paraíso, com a concepção de glorificar a Deus através do trabalho e a ascensão econômica e profissional. (ABREU; NETO, 2015, p. 5)

Ainda que o capitalismo não se relacione com a reforma protestante no período em que esta se passou, a influência da reforma nos séculos seguintes levou ao que Weber chama de “afinidades eletivas” (WEBER, 2004), isto é, o encontro de duas coisas diferentes que se entrelaçam, se adequam uma à outra e, mais tarde, se separam e seguem seus respectivos caminhos. Antes do capitalismo industrial, a religião possuía um caráter mais passivo em relação ao homem, Weber explica em seu livro que a influência da religião – especificamente a protestante – começou no campo da educação, na qual esta moldou a formação de profissionais. Contudo, ao passo que o capitalismo começou a se desenvolver e a religião protestante passou a penetrar o mundo do trabalho, este foi se tornando algo quase moral em função do modo de vida ascético; aqui, passa-se a transformar a mentalidade do homem que antes – em um período pré-capitalista, com um trabalho voltado ao tradicionalismo, à subsistência – via o trabalho como um tipo de degeneração, algo que apenas as classes mais baixas tinham de se submeter para garantir sua sobrevivência.

O modo de vida ascético que Weber descreve é a abdicção das distrações, do “descanso sobre a posse, o gozo da riqueza com sua consequência de ócio e prazer carnal, mas antes de tudo o abandono da aspiração a uma vida santa” (WEBER, 2004, p. 143). A relação que se cria entre o asceta, a ideia da predestinação e o trabalhador é que a conduta de vida que se abstém dos prazeres e do enriquecimento levou o trabalhador a operar sob uma ótica em que o trabalho, que passa a ter um fim em si mesmo, é um instrumento na terra que possui os meios para a salvação. A salvação divina é o produto de um *ethos* que serve a Deus, no qual “a luta contra a concupiscência da carne e o apego aos bens exteriores” (WEBER, 2004, p. 155) são meios pelos quais o trabalho é feito com sua real finalidade, o ascetismo como auto-exame leva ao trabalhador não o fim do enriquecimento e do gozo, mas a crença de sua própria salvação.

Antes, entretanto, da relação entre a predestinação divina e o modo de vida ascético do trabalhador, há de se destacar outra relação, mas agora entre o trabalhador e sua formação profissional. Para Weber, a vocação – ou profissão, a depender do tradutor –, do alemão *beruf*, é aquilo

que cada qual deverá reconhecer e na qual deverá trabalhar, e essa vocação não é, como no luteranismo, um destino no qual ele deve se encaixar e com o qual vai ter que se resignar, mas uma ordem dada por Deus ao indivíduo a fim de que seja operante por sua glória. Essa nuance aparentemente sutil teve consequências [psicológicas] de largo alcance, engatando-se aí, a seguir, uma reelaboração daquela interpretação providencialista do cosmos econômico que já era corrente na escolástica. (WEBER, 2004, p. 145)

Para o trabalhador, agir conforme a determinação de Deus era equivalente a buscar sua salvação, por isso, “ricos e pobres deveriam trabalhar sem descanso, ‘o dia todo em favor do que lhes foi destinado’ pela vontade de Deus, e glorificá-lo por meio de suas atividades” (QUINTANEIRO, 2002, p. 134). Portanto, a relação que se firma entre o trabalhador e seu trabalho é de então fazê-lo por Deus e não por si mesmo. Weber explica que o trabalho deveria ser exercido

⁷ O “*ethos*” que Weber descreve refere-se a uma conduta de vida, uma forma de agir.

com certeza não para fins da concupiscência da carne e do pecado, mas sim para Deus, é permitido trabalhar para ficar rico. A riqueza é reprovável precisamente e somente como tentação de abandonar-se ao ócio, à preguiça e ao pecaminoso gozo da vida, e a ambição de riqueza somente o é quando o que se pretende é poder viver mais tarde sem preocupação e prazerosamente. Quando porém ela advém enquanto desempenho do dever vocacional, ela é não só moralmente lícita, mas até mesmo um mandamento (WEBER, 2004, p. 148).

Em síntese, o trabalho profissional é uma ação moral religiosa para com Deus, o trabalho não tem como fim o enriquecimento, mas a serventia ao divino, a relação do trabalhador com sua vocação consiste no exercício com fim em si mesmo, em que, através da conduta de vida ascética, o trabalhador não possui a confirmação da salvação, mas trabalha arduamente para que, ao fim da vida, seja escolhido.

Para além das relações religiosas e econômicas, ao passo que o capitalismo fomentava cada vez mais o enriquecimento do trabalhador, Weber explica que “a concepção puritana de vocação profissional e a exigência de uma conduta de vida ascética haveriam de influenciar diretamente o desenvolvimento do estilo de vida capitalista” (WEBER, 2004, p. 151). Ou seja, a conduta de vida que acabava por gerar riqueza, mesmo que não como seu fim, foi responsável pelo direcionamento do modo de vida no qual

até onde alcançou a potência da concepção puritana de vida, em todos esses casos ela beneficiou — e isso, naturalmente, é muito mais importante que o mero favorecimento da acumulação de capital — a tendência à conduta de vida burguesa economicamente racional; ela foi seu mais essencial, ou melhor, acima de tudo seu único portador consequente. Ela fez a cama para o “homo oeconomicus” moderno. Pois bem: esses ideais de vida puritanos fraquejaram diante da duríssima prova de resistência a que os submeteram as “tentações” da riqueza, suas velhas conhecidas (WEBER, 2004, p. 158).

A transição do fim religioso do trabalho para o fim econômico se dá quando, naturalmente, o trabalhador redefine seu propósito de salvação divina para o propósito econômico profissional. O foco da conduta de vida ascética deixa de ser a predestinação divina e passa a contemplar o modo de vida econômico burguês, e dessa forma, “a raiz religiosa definhou lentamente e deu lugar à intramundanidade utilitária” (WEBER, 2004, p. 160). Weber explica que essa transição gerou um *ethos* profissional voltado especificamente à burguesia, em que, consciente da graça divina, o burguês se sentia não somente pleno em seu direito de enriquecer, mas o fazia de fato; o modo de vida ascético era o que garantia aos trabalhadores a consciência de exercerem suas profissões

extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho como se finalidade de sua vida, querida por Deus. E ainda por cima dava aos trabalhadores a reconfortante certeza de que a repartição desigual dos bens deste mundo era obra toda especial da divina Providência, que, com essas diferenças, do mesmo modo que com a graça restrita {não universalista}, visava a fins por nós desconhecidos (WEBER, 2004, p. 161).

Com o distanciamento da conduta religiosa ascética, “o trabalho como uma ‘vocação profissional’ tornou-se tão característico para o trabalhador moderno, como, para o empresário, a correspondente vocação para o lucro” (WEBER, 2004, p. 163). A evolução do *ethos* do trabalho auxiliou na formação do “espírito” do capitalismo de modo que a presença da religião protestante uniu a crença da predestinação à conduta de trabalho metódico, resultando então na “acumulação de capital mediante coerção ascética à poupança” (WEBER, 2004, p. 157), dessa forma, o capitalismo se tornou um produto econômico racional, em que a ascese,

ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem — não só dos economicamente ativos — e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil. (WEBER, 2004, p. 165)

Em síntese, fatores como o desencantamento do mundo, transformado – através das afinidades eletivas entre a religião e o surgimento do capitalismo – em um modo de vida ascético, em que a salvação advinha de um *ethos* metódico no mundo do trabalho e, por fim, no trabalho com fim em si mesmo, auxiliaram no desenvolvimento do sistema capitalista no Ocidente.

De volta ao expansionismo europeu, comentado no início do capítulo, não obstante as transformações do modo de vida nos países em que o capitalismo se desenvolveu com maior fervor, o imperialismo europeu levou a diversos outros países seu *ethos* ascético, substituindo a mentalidade mística de suas colônias pela sua econômica racionalista, ou seja, a evolução do modo de se produzir transformou não só as relações entre os calvinistas e seu trabalho metódico, mas serviu como base para o desenvolvimento da hegemonia racional, econômico e político ocidental sobre diversos países da América, Ásia e África. Portanto, com base nas explicações de Max Weber a respeito da evolução do capitalismo atrelado à conduta de vida religiosa, constata-se que a autonomia econômica foi o resultado de um processo de secularização do mundo do trabalho, de modo que a racionalidade agisse não só sobre o campo da economia, mas alcançasse também fronteiras culturais e geográficas, se impondo como dominante.

3. A MODERNIDADE ACERCA DO VAMPIRO

Retomando o questionamento feito ao início da pesquisa “o que tornara Drácula uma figura tão apavorante aos olhos ingleses que fugiam à humanidade de Tim Ingold?”, há de se compreender que a estranheza crescente em Jonathan e seu grupo traduz o horror em sofrer do Conde vampiro a crueldade que centenas de outras civilizações – não tão civilizadas aos olhos ocidentais – sofreram nas mãos do maior império da história. Drácula demonstra ao longo do romance seu objetivo em viajar à Inglaterra e, mais tarde, tornar-se senhor daquelas terras, dessa forma, o que aterroriza os caçadores do vampiro e o que motiva o próprio vampiro é a mesma coisa: a dominação. Enquanto Van Helsing e o grupo correm contra o tempo para salvar Mina e matar Drácula, este, por sua vez, veleja com a névoa do medievalismo dos Cárpatos à Londres a fim de atentar contra o progresso moderno ocidental. Bram Stoker evidencia em diversos momentos o contraste entre os personagens que demarcam o embate entre folclore, apresentado nas aldeias camponesas, no crucifixo e no alho; e ceticismo, demonstrado por Arthur em conceber a ideia de sua noiva se transformar em vampira. Outro momento em que os opostos se evidenciam é na racionalidade, forte ideologia crescente na Europa do século XIX; e na religião, não sendo mais a força ideológica do século, porém resgatada a fim de derrotar o mal retomando à sua época. E, por fim, principalmente o contraste entre a modernidade em ascensão nos postes urbanos e nas transfusões de sangue; e na tradição arraigada nas velas em candelabros e nos títulos de nobreza. Trazendo elementos que demonstram oposição entre ambos os lados, o medo do estrangeiro e de sua força contra os ideais britânicos ascende a cada contato entre Drácula e seus possíveis colonizados.

Prezando por sua sobrevivência e pelo fim de Drácula, Jonathan e seu grupo, “até então convictos de sua siseudez moral e ética mentem, traem, invadem propriedade privada, subornam, violam túmulos, decapitam e matam” (GONÇALVES, 2018, p. 27). Cercados pela proteção do crucifixo, mas operando de má fé tal qual aquele que é a negação da concessão divina de Buffon (INGOLD, 1995, p. 7), enquanto agiam pela necessidade de eliminar o monstro que se misturava aos ratos, uivava aos lobos, rastejava como lagarto e movia-se veloz como uma pantera, os concedidos por Deus como humanos se comportavam com equivalente animalidade contra sua maior repulsa e, não obstante, enquanto cometiam delitos – vários dos mesmos que seu inimigo – a menção a Deus é sempre lembrada pois este é a maior arma contra o vampiro.

Repelindo sempre o crucifixo, a água benta e a hóstia, Drácula, agora no século do rifle, é derrotado com a estaca e a religião.

Com relação ao desenvolvimento do Oeste Europeu frente aos estudos de Max Weber (WEBER, 2004) e suas conexões com a literatura, depreende-se que a principal diferença entre as relações que o jovem inglês tem com os outros personagens e o meio em que está inserido, em contraste com suas percepções sobre os modos camponeses, é que o primeiro, assim como em outros aspectos apresentados ao longo da pesquisa, possui sua mentalidade voltada a uma forma prática, racional e ativa de se relacionar com o ambiente e os demais personagens, enquanto o segundo opera com base no que Weber chama de misticismo contemplativo (WEBER, 2004).

Algumas diferenças entre as realidades ocidental e oriental se apresentam em momentos em que Jonathan, ao partir para a Transilvânia, reclama dos horários dos trens e diz: “parece que quanto mais ao Oriente, menos pontuais são os trens. Fico me perguntando: como deve ser na China?” (STOKER, 2018, p.45), ou, em outro momento, quando se incomoda com a postura dos camponeses ao saberem de seu destino e comenta: “tinha assumido um compromisso profissional e não podia permitir que nada interferisse em sua execução. [...] e disse, com o máximo de seriedade, que agradecia muito, mas que meu compromisso era inadiável e precisava partir o quanto antes.” (STOKER, 2018, p. 47). Jonathan demonstra uma postura centrada quanto ao trabalho designado por seu patrão, de modo que o tempo é visto como um empecilho, e a preocupação dos moradores locais deixa-o desconfortável por não acreditar em suas superstições anti-rationais. Por outro lado, os camponeses, inseridos em um contexto de imersão religiosa contemplativa, mantinham uma relação bastante próxima às orações e a adereços como o crucifixo e a cruz; Jonathan comenta enquanto viajava:

À beira da estrada havia muitas cruzeiras e, quando passávamos por elas, meus companheiros todos se benziam. Por vezes passamos por camponeses, homens e mulheres ajoelhados diante de um altar, e pareciam tão absorvidos nas devoções que se quer notavam nossa aproximação, como se não tivessem nem olhos nem ouvidos para as trivialidades mundanas (STOKER, 2018, p. 50).

Em outro momento, conversando com uma mulher que demonstra incômodo com o inglês, ela lhe diz: “É véspera do dia de São Jorge⁸. O senhor não sabe que hoje à noite, quando o relógio marcar meia-noite, todas as coisas maléficas deste mundo estarão à solta? Sabe para onde o senhor está indo e o que vai encontrar?” (STOKER, 2018, p.47). Para Jonathan, pouco fazia sentido a atenção com a data em que viajava, sua única finalidade que lhe foi determinado, contudo, para os camponeses, a contemplação religiosa era sua forma de se aproximar de Deus e afastar o mal, o misticismo era a principal fonte daquilo em que acreditavam. Além disso, a diferença entre os calendários demarca que a mentalidade local seguia o cotidiano com base na religião, por isso, a data de São Jorge possuía ligação o mal, enquanto Jonathan, que vivia em outra realidade, com outra base ideológica em seu dia a dia e com um calendário reformado, também não compreendia o modo de lidar com os maus pressentimentos dos camponeses. Comparado à Londres moderna, aquele lugar não havia passado por reformas religiosas, não havia capitalismo e, aos olhos ocidentais, não havia racionalidade. As relações se baseavam na crença contemplativa, no folclore em torno do pavor do vampiro, e no medievalismo, no qual Drácula é o senhor daqueles que o temem. Com isso, enquanto anglicano não idólatro, Jonathan não levava a sério a devoção dos camponeses até que passasse a ser assombrado por Drácula, e ainda, não conhecendo o folclore em torno do vampiro e da razão do medo dos moradores a ponto de possuírem tamanha adoração a Deus, o jovem inglês não entende o porquê de tantos adereços, orações e benzedadeiras.

Por uma segunda ótica, Weber se insere na literatura de maneira que o desenvolvimento do *ethos* racionalista moldou não só o campo do trabalho, mas, como visto anteriormente, também fez parte do processo de racionalismo expansionista ocidental. A consciência ascética do trabalho que se seguiu ao

⁸ “Harker, de fato, não sabia: embora a Inglaterra usasse o calendário gregoriano desde 1752, a região onde ele se encontrava ainda usava o juliano. Para ele, era 4 de maio; para os locais, 22 de abril, véspera da data oficial do dia de São Jorge, estabelecida como 23 de abril pelo Concílio de Oxford, em 1222. Supostamente, em algumas regiões do Leste Europeu, a data era vista como de mau agouro.” (GONÇALVES, 2018, p. 742. Nota do tradutor).

imperialismo moldou a mentalidade do Ocidente de modo que sua conduta de vida foi imposta a outros países. Entretanto, ao se colocar na posição do colonizado – sendo uma vítima do vampiro – a Inglaterra se vê ameaçada quanto ao passado medieval e místico que retorna a fim de reverter o que o próprio Ocidente causou a outros continentes. Deste modo, assim como se conclui a razão do medo de Jonathan e seu grupo pelo olhar de Tim Ingold – a respeito da falta de humanidade em Drácula –, em que o medo traduz-se na ameaça de dominação, sob o ponto de vista de Weber, a linha histórica que perpassa pela reforma protestante, o ethos metódico junto ao ascetismo, resultando no desprendimento das afinidades eletivas e, por fim, no trabalho racional com fim em si mesmo, constata-se que o medo de um colonialismo inverso por parte de Drácula é o produto de transformações históricas ocorridas no Ocidente que se viram contra o maior império do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Traçando um panorama geral à pesquisa, observa-se que a construção da figura histórica de Vlad Tepes auxiliou na criação do personagem literário e moldou – de maneira fictícia – o cenário medieval onde Conde Drácula vive isolado das inovações do século, de modo que este, ao contrastar com os modos de vida do jovem inglês Jonathan Harker, desempenha o papel de uma figura do passado que ressurge para assombrar o presente. Seguindo, através de duas perspectivas Tim Ingold auxilia na construção da personalidade animalésca de Drácula, concluindo que a ausência divina determina o vampiro como não-humano, o que leva ao romance um dos principais embates entre Van Helsing, representando o cientificismo, e o Conde, representando a aversão à religiosidade. Outra razão que explicita os conflitos entre o vampiro e seus inimigos são as dicotomias presentes tanto em suas personalidades, sendo um lado demarcado pelo racionalismo e o pensamento secular, e o outro personificado como a negação da religião cristã; quanto no contexto histórico em que estão inseridos, nos quais Jonathan vive em uma Inglaterra imperialista com ideais racionalistas em ascensão, fortes avanços científicos e modernos, e Drácula, um boiardo, vive isolado nos Cárpatos em um castelo de época medieval.

Por conseguinte, o trabalho busca descrever o período histórico em que a Inglaterra teve seu auge de transformações históricas e sociais, apresentando como o maior império do século XIX lidou com suas mudanças analisando, em específico, as relações que a religião teve no processo de racionalização do trabalho através dos estudos de Max Weber. A partir da transição do modo de pensar através do misticismo, passando pelo pensamento religioso e, por fim, nos estudos científico-rationais, relaciona-se a inserção da religião protestante no mundo econômico, demonstrando como a mentalidade do trabalhador se associou ao dogma ascético da religião, até que o capitalismo se firmasse como algo com fim próprio e deixasse o protestantismo. Neste capítulo, os estudos de Weber dão embasamento ao modo de agir europeu, demonstrando que sua visão de mundo racional e econômico serviu como pretexto para a expansão colonial ocidental.

Na terceira parte, conclui-se que a relação entre o medo do grupo de Jonathan perante Drácula se traduz no mesmo que seu próprio país fazia a outros: o expansionismo colonial. Em uma troca de papéis, Drácula desempenha a função do colonizador e o Ocidente se dá como a vítima do mal que sai dos Cárpatos rumo à modernidade, portanto, o desfecho da crueldade de Drácula é a reafirmação do Ocidente como salvador e a negação de toda ameaça que foge à moral do Oeste europeu. Já em relação às diferenças entre a mentalidade racional que se seguia no Ocidente e ao misticismo contemplativo camponês na Transilvânia, determina-se que o cotidiano interativo à religião afeta diretamente a vida dos camponeses, diferente da realidade de Jonathan, que opera com base no pensamento científico racional. Dessa forma, unindo a literatura à história, compreende-se que o romance de Bram Stoker mescla as transformações sociais do século XIX, mas recorre à tradição medieval a fim de reafirmar os avanços modernos que o Ocidente alcançou ao deixar a Idade das Trevas. Nas palavras de Marcia Heloisa Gonçalves, na introdução de Drácula (STOKER, 2018), “o ideal de progresso oitocentista quer acender as luzes elétricas do século XX, mas, durante o apagão, recorre às boas e tradicionais velas de cera” (STOKER, 2018, p.32).

REFERÊNCIAS

STOKER, Bram. **Drácula**. Tradução de Marcia Heloisa. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

VOLTAS, Tainá. **Iluminismo: o que foi? Resumo, conceitos e principais pensadores**. Casa do Saber, [s.d.]. Disponível em: <https://www.casadosaber.com.br/blog/iluminismo-o-que-foi-resumo-conceitos-e-principais-pensadores>. Acesso em: 21 maio de 2026.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.